



# Lino de Albergaria

# O relógio do mundo

Ilustrações: Rogério Borges

16ª edição

 **Atual**  
Editora

## Série Entre Linhas

---

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Célia Camargo/Renato Colombo Jr./Camila R. Santana/Edilene M. Santos

---

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • Setsumi Sinzato

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Produtor gráfico • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

---

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Paula Parisi

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Albergaria, Lino de

O relógio do mundo / Lino de Albergaria ; ilustrações Rogério Borges. — 16. ed. — São Paulo : Atual, 2005. — (Entre Linhas : Aventura)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0595-9

1. Literatura infantojuvenil I. Borges, Rogério.  
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Lino de Albergaria, 1989.

SARAIVA Educação S.A.

Av. das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

05425-902 – São Paulo – SP

Tel: 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

Todos os direitos reservados.

16ª edição/7ª tiragem

2019

# Sumário



A família do capitão 5

---

O sonho da capitã 9

---

A tarefa 12

---

Menor ainda 15

---

Perdido 18

---

Os irmãos do ouro 20

---

A outra margem 25

---

Caipora! 29

---

O julgamento 33

---

A companheira 36

---

O final da noite 39

---

Caruani, o rei 43

---

Coaraci, a rainha 48

---

Decidindo a vida 52

---

No caminho de casa 55

---

O sonho de Cordélia 57

---

Epílogo 60

---

O autor 62

---

Entrevista 63

---



# A família do capitão



Eram duas cidades separadas pela mata. A primeira, do lado sul, era uma cidade bem comum. A segunda, ao norte, era mágica.

Casemiro Correia tinha a cabeça ocupada com a cidade do norte. Embora fosse um cidadão de Cravo Branco, lugar comum como outro qualquer.

Agora mesmo ele pensava em Cucura, a terra encantada. Refletia nas coisas em que acreditava o povo. Que, por exemplo, cidades mágicas não existem. Ou, se existem, elas ficam numa dimensão fora do tempo. Talvez na dimensão do sonho, esse mundo à parte das coisas que a gente vê acordado.

Casemiro Correia, enquanto pensava, trabalhava no jardim de sua casa. Lutando com o mato, que queria estragar os canteiros de cravos brancos. As mãos, pequenas, bem pequenas mas muitíssimo ágeis, mergulhavam na terra, arrancando pela raiz cada planta invasora.

Contudo, Casemiro bem sabia que Cucura estava mesmo ali, do outro lado da floresta. Essa floresta que já começa no final da rua. E ainda era advertido pela voz do pai, o velho capitão Cornélio Correia.

– Essa gente amaldiçoada não vai conseguir nos vencer! – o capitão bradava na varanda para a capitã que lhe cerzia as meias.

Camélia Correia não dizia nada. Havia muitos anos que não se preocupava nem mesmo em ouvir o marido. Ninguém faria com que ela se distraísse daquela tarefa de fechar os buracos da meia. Nem ao seu filho de salvar o jardim.

O jardim da família Correia era o mais bonito da cidade de Cravo Branco. Em outros tempos, todas as casas tinham jardins. Todos os jardins tinham cravos. Todos os cravos eram brancos. Agora não era mais assim.

As pessoas, então, cultivavam flores e tratavam da terra. Ainda não sabiam do ouro. Antes de ir embora, o último índio contou à gente de Cravo Branco que na mata havia ouro. Eram justamente os índios que sabiam a história de Cucura, uma cidade de pedra, situada em algum lugar ao norte. Onde reinavam os mesmos reis, muito antes de o primeiro índio chegar ali. E havia tanto tempo tinha desaparecido o último índio!

“Em Cucura nada nem ninguém acaba. Talvez por isso seja feita de pedra”, pensava Casemiro, libertando mais um canteiro.

– Eu não tenho medo, eu não! – o capitão continuava a encher o ar com sua voz de trovão. Trovão meio tremido, envelhecido, mas ainda forte pra chegar bem nítido ao ouvido do filho.

Casemiro imaginava se aquelas ervas no seu jardim também não vinham em missão inimiga. Como a floresta instalada na extremidade da rua. Era a guerra, deflagrada por causa do ouro.

Pois o povo da cidade tinha invadido a floresta. Mas esta guardou firme seu segredo. Nada de revelar a riqueza. E os homens, irritados, derrubaram árvores, queimaram grandes tre-

chos, passaram a caçar os bichos. Já não ligavam tanto para os jardins de suas casas.

Foi quando Cucura decidiu socorrer a mata. A sua gente precisava da floresta pra se manter encantada. Por isso passou a assombrar os caçadores e os derrubadores de árvores. Eram bolas de fogo, a princípio minúsculas, que começavam a crescer diante deles, impedindo que penetrassem mais fundo num lugar até então intocado. Eram vozes que vinham enganá-los, fazendo um se separar do outro, até que se perdessem no meio da vegetação mais densa, onde era mais frio e escuro.

Alguns homens conseguiram, finalmente, encontrar indícios de ouro: algumas pedras, um pouco de pó. E voltaram com fúria a atacar a floresta, apesar de todos os perigos. Outros começaram a ter medo e iam aos poucos deixando a cidade, em direção ao sul.

Por trás das cinzas, a floresta reagiu e novas árvores brotaram. E nasciam com mais vigor, sempre maiores e bem juntas. Em volta de cada tronco, surgia um cipó, logo se emaranhando com outro, tornando o mato muito difícil de se abrir.

A mata foi chegando perto, cada vez mais perto de Cravo Branco. Primeiro, invadiu todas as plantações do lado norte da cidade. Depois, foi se introduzindo entre as cercas dos quintais, quase se colando às paredes das casas.

Os moradores da cidade, assustados, recuaram para o sul, e a população ia só diminuindo. A cidade envelhecia, as casas se tornando bolorentas, úmidas, pois de um lado inteiro as árvores barravam a luz.

– Enquanto houver coragem em Cravo Branco, as garras de Cucura não vão nos pegar – o capitão continuava seu discurso.

A mulher passava à meia seguinte, e o filho ainda pensava, fascinado, na cidade inimiga.

Uma borboleta voejou em torno de Casemiro, sem que ele percebesse. Mas era tão luminosa naquele local sombrio que a